

### O casamento, fonte de progresso social para os filhos

A estabilidade matrimonial aumenta a probabilidade dos filhos melhorarem a sua situação, sobretudo em lares com rendimentos baixos.

Há alguns anos, o sociólogo norte-americano Bradford Wilcox e a colega Elizabeth Marquardt mostraram que o declínio do casamento nos Estados Unidos está a afetar mais os que não têm estudos universitários, o que, por seu turno, agrava a desigualdade social. Agora, Wilcox apresenta a sua tese num novo estudo: os filhos de famílias intactas de pai e mãe casados têm mais probabilidades de progredir na educação e na economia do que os de pais divorciados ou de mães solteiras. E os benefícios são maiores entre as famílias de rendimentos baixos.

No seu estudo de 2010, Wilcox e Marquardt puseram em relevo que na sociedade norte-americana se tem vindo a consolidar uma “desigualdade matrimonial”: a união de facto, o divórcio, os nascimentos fora do casamento e a insatisfação na vida conjugal crescem sobretudo entre os que não completaram o ensino secundário.

O relatório advertia também que o enfraquecimento do casamento entre os norte-americanos de níveis socioeconómicos mais baixos estava a afastar muitos do “sonho americano”, pois tinham frequentemente de enfrentar ruturas, problemas económicos, insucesso escolar, maternidade a sós...

Daí alguns terem concluído que o casamento é um artigo de luxo que torna mais ricos os ricos. Mas Wilcox encara-o de outra maneira: embora seja verdade que na sociedade norte-americana o casamento goza de maior estabilidade entre as pessoas com bons rendimentos, ele é acessível a todos e, a longo prazo, beneficia os que permanecem casados, ricos ou pobres.

O seu novo estudo revela que os benefícios do casamento se notam mais nos lares com rendimentos mais baixos, definidos como aqueles em que a mãe não tem título universitário.

### Progressos na economia e na educação

A base de dados do National Longitudinal Study of Adolescent Health, que recolhe informação de 12.105 jovens norte-americanos que, em 1995, tinham entre 12 e 18 anos, permite a Wilcox segui-los até 2008, ano em que tinham entre 25 e 31 anos. As suas conclusões aparecem divulgadas pelo próprio Wilcox num artigo publicado em “The Atlantic” (“Marriage makes our children richer - Here's why”, 29-10-2013).

Em contraste com os lares de pais divorciados ou de mães sozinhas, nas famílias intactas – constituídas pelos pais biológicos, casados – a probabilidade de conseguir uma licenciatura dos rapazes aumenta 73% e a das raparigas 57% quando a mãe não tem título universitário; se o tiver, o aumento é de 47% para os rapazes e de 44% para as raparigas.

Também se observam grandes diferenças no plano dos rendimentos. Quando a mãe não tem título universitário, tanto os filhos como as filhas criados em famílias intactas costumam ganhar mais 4.000 dólares do que os criados em lares de pais divorciados ou de mães sozinhas. Pelo contrário, não há uma correlação tão clara se a mãe estudou na universidade.

Além disso, as filhas e os filhos criados em famílias intactas têm menos 40% de probabilidade de virem a ser pais fora do casamento. Noutro estudo citado por Wilcox, isto é importante, pois as relações entre uniões de pessoas não casadas rompem-se mais cedo do que as que contraíram matrimónio, mesmo quando há filhos. O que pressupõe problemas emocionais e sociais que, a longo prazo, repercutem economicamente.

A conclusão de Wilcox completa a formulada no seu estudo de 2010: “A família intacta de pai e mãe casados parece particularmente importante para os filhos criados em lares com rendimentos mais baixos, e é como um fator chave da mobilidade social naquelas comunidades onde é alargada a estabilidade matrimonial”.

## “Somos a Geração Casamento”

São jovens, defendem o casamento e quase todos estão casados. Há alguns meses lançaram a Marriage Generation, uma plataforma que aspira a mudar a visão do casamento que se encontra por detrás de alguns debates atuais sobre a família. A sua ideia é que o impulso a favor da cultura do casamento deve prestar mais atenção às aspirações e perguntas que os jovens fazem a si próprios.

A Marriage Generation procura interpelar uma geração de jovens que continua a querer casar-se e ter filhos, mas que, muitas vezes, atrasa ambas as decisões devido à falta de confiança na sua capacidade para conseguir estabelecer relações duradouras e ao medo do divórcio.

Se o Direito – e, concretamente, a definição jurídica do casamento – não respeita os traços essenciais desta instituição, é mais fácil que as pessoas continuem a pensar que o casamento não é mais do que uma relação afetiva ou uma comunidade de apoio mútuo, desvinculada da paternidade e da complementaridade entre ambos os sexos.

Daí que Chris Marlink, um dos impulsionadores da Marriage Generation, afirme que a legalização dos casamentos *gays* seja a consequência lógica de um processo anterior. “No imaginário coletivo, o casamento já tinha sido redefinido; isto é, já tinha sido separado do seu verdadeiro e mais pleno significado”.

Como afirma o grupo na sua “declaração de intenções”, “o casamento nos EUA foi sendo associado cada vez mais à satisfação do desejo sexual e à realização pessoal dos adultos, mais do que ao desenvolvimento de uma vida comprometida e ao bem-estar dos filhos”.

Em face desta visão, para os jovens da Marriage Generation o casamento é “união plena, exclusiva e permanente entre um homem e uma mulher”. “A única relação humana onde as diferenças

corporais, emocionais e espirituais convergem para fazer algo novo, que muitas vezes leva à criação da vida”.

A pergunta “porquê casar-se” levou a equipa da Marriage Generation a falar sobre o casamento sob perspetivas que interessam aos jovens do milénio. Anna Shafer, escritora recém-casada, recorre a letras de canções, comédias românticas ou romances para refletir sobre a união de facto, ou as consequências das decisões.

“Nenhuma sentença, eleições ou pressão cultural nos vai dissuadir”, conclui a declaração da Marriage Generation. “A nossa paixão é restabelecer a cultura do casamento, e influir no modo como a nossa geração pensa e fala sobre ele”.

J. M.

## O governo britânico promove a educação para o casamento

O governo britânico, formado por conservadores e liberais democratas, atribuiu 30 milhões de libras para impulsionar cursos de orientação familiar. O Departamento da Educação publicou um relatório onde mostra os benefícios destes cursos para os casais, os filhos e a sociedade. Esta maior sensibilidade para a estabilidade familiar também é visível na esquerda britânica.

Mark Molden, diretor executivo da Marriage Care – uma das organizações avaliadas pelo relatório do governo – resume assim o sentido desta investigação: “Como sociedade, dedicamos mais tempo a aprender a guiar um carro, do que a preparar-nos para partilhar a nossa vida com a pessoa de quem gostamos”.

“Confiamos em que o sucesso das relações duradouras simplesmente ‘irá acontecer’, sem necessidade de que nos orientem ou nos ensinem. Mas, infelizmente, as estatísticas de divórcio e o crescente número de famílias separadas mostram que esta forma de pensar é errada. Precisamos de abrir este debate na Grã-Bretanha e interrogar-nos por que motivo não levamos suficientemente a sério as nossas relações, de modo a investir nelas desde o início”.

O relatório “Evaluation of Relationship Support Interventions”, financiado pelo Departamento de Educação britânico e realizado por quatro institutos de investigação, analisa ao longo de dois anos as opiniões dos cidadãos que participaram nos cursos. Para avaliar se lhes foram úteis ou não, os autores do relatório efetuaram quase mil inquéritos e entrevistas de modo aprofundado.

O relatório estuda três modalidades de orientação familiar: os cursos de preparação para o casamento, ministrados pela Marriage Care através dos programas Preparing Together e FOCCUS; o programa Let’s Stick Together (LTS), uma sessão de uma hora para pais e mães recém-casados; e os serviços de assessoria a casais em crise, prestados por várias organizações britânicas.

Em geral, o nível de satisfação do público é bastante alto. Por exemplo, 88% dos casais que assistiram aos programas da Marriage Care acharam-nos úteis, apesar de que, no início, somente 25% tinham vontade de lá ir. Para Molden, estes resultados refletem bem a ambivalência dos britânicos para com a orientação familiar: “Embora os seus benefícios sobre as relações sejam claros, hoje [estes cursos] tendem a ser vistos como algo que deve ser feito por obrigação e não por gosto”.

## Um bom investimento pessoal e social

Os autores da investigação constataam que os benefícios foram mais visíveis nos cursos da primeira e da terceira modalidade, talvez porque a sessão LTS é excessivamente curta. A maioria dos participantes nos programas de preparação para o casamento e nos de resolução de crises considera ter havido uma ajuda para melhorar “a qualidade da sua relação, o seu bem-estar pessoal e os seus hábitos de comunicação”.

Um efeito interessante dos cursos de preparação para o casamento é que mudam imenso as atitudes dos participantes para com os serviços de assessoria a casais em crise, tornando mais provável que queiram assistir a eles no futuro. Bridie Collins, diretora de programas de formação da Marriage Care, celebra esta descoberta: “Oferecemos apoio ao longo de todas as etapas do casamento ou de uma relação, e não apenas em situações de crise. Mas é uma boa notícia saber que os cursos de preparação para o casamento ajudam a conseguir o entendimento dos casais que necessitam de buscar apoio quando chegam os momentos difíceis”.

Na linha das investigações realizadas pelo The Centre for Social Justice, um *think tank* nascido no seio do Partido Conservador britânico, o novo relatório mostra também a poupança económica que implica para a sociedade a estabilidade conjugal. Segundo as suas estimativas, cada libra investida nos cursos de orientação familiar levaria a uma poupança nos fundos públicos de 11,50 libras.

Antes da crise financeira, o governo trabalhista destinava mais de 15.000 milhões de libras a prestações sociais dirigidas fundamentalmente a famílias monoparentais e outros 3.000 milhões de libras a um programa educativo destinado aos filhos de lares desfeitos.

Os autores do relatório concluem com várias recomendações políticas. Ao governo e aos municípios pedem que desenvolvam uma estratégia clara de apoio à orientação familiar, o que inclui mais publicidade dos programas que já estão a ser implementados. Também recomendam, entre outras coisas, criar um sistema de controlo de qualidade para proporcionar confiança aos cidadãos.

## Também serve os não crentes

Em dezembro de 2013, o diário “The Guardian”, meio de referência para a esquerda britânica, publicou uma longa reportagem (“A mission to save marriages”, 28.12.2013) sobre um programa que ajuda os casais que contraíram matrimónio a vivê-lo tanto em tempos de calma, como nos de crise. Não é frequente que um artigo deste tamanho tenha tido tanto sucesso nas redes sociais. Só no Facebook, foi partilhado 5.036 vezes até há pouco tempo.

A reportagem, de Anna Moore, conta a experiência de Peter e Gill, que estavam a pensar divorciar-se depois de 26 anos de casamento. Nenhum dos dois tinha vontade de frequentar o programa e, de facto, foram lá para se demonstrar que não havia mais nada a fazer. Ao longo da reportagem, contam os passos que deram graças ao curso e a mudança que implicou na sua relação. “[Agora] não me imagino separada. Se me tivesse divorciado, teríamos levado todos os nossos problemas para o sítio seguinte a que tivéssemos ido”, conclui Gill.

O The Marriage Course arrancou em Londres no ano de 2006. O programa foi traduzido para 40 idiomas e funciona em 109 países. Os seus criadores são Nicky e Sila Lee, de 59 e 58 anos, respetivamente. Estão casados há 37 anos, e têm quatro filhos e cinco netos. Embora a primeira edição do curso tenha começado numa igreja anglicana, atualmente, metade dos assistentes não é de crentes. O colunista do “Guardian”, Tim Lott, é um dos ateus que foi ao curso com a sua mulher e o concluiu encantado.

O programa é ministrado durante sete semanas. Em cada semana fala-se sobre determinado aspeto da vida matrimonial: a arte da comunicação, a gestão de conflitos, o sexo, as diferentes formas de dar e de receber amor... Para os Lee, o prato forte do programa é a sessão dedicada ao perdão: “As pessoas que vêm, pensam que é o ponto mais difícil, mas também é o que muitas vezes marca a diferença. Se não curamos a ferida, é muito difícil avançar de uma maneira saudável”.

Outra peça fundamental do curso é a sua metodologia, destinada a incentivar que cada casal reflita e dialogue por sua conta sobre estes temas. Não há terapias de grupo, mas conversas cara a cara sobre assuntos essenciais.

Em Espanha, os Centros de Orientación Familiar da IFFD (International Federation for Family Development) difundiram os cursos de educação para o casamento com base na análise de casos reais e metodologia de participação. Também são populares os cursos organizados pelo Instituto Europeo de Estudios de la Educación. Recentemente, a ONG Acción Familiar implementou uma plataforma *online* centrada na educação dos filhos.

J. M.

## **Casamento: uma oposição razoável e outra absurda**

Numa manifestação, um casal inter-racial ergue um estandarte a favor do casamento gay: “Em determinada altura, o nosso casamento também foi ilegal”, pode ler-se. Será justa a comparação? A oposição ao casamento do mesmo sexo será igual à oposição ao casamento inter-racial?

Num artigo publicado pela Heritage Foundation, o norte-americano Ryan Anderson, especialista em assuntos matrimoniais, assegura categoricamente que tal assimilação não faz sentido (“Marriage, Reason, and Religious Liberty: Much Ado About Sex, Nothing to Do with Race”, 4.4.2014).

Acreditar que o casamento é somente a união de um homem e de uma mulher é uma crença razoável: grandes pensadores, através da história da humanidade, em qualquer comunidade política, o consideraram como tal.

Essa conclusão nasce de uma adequada compreensão da natureza humana. O casamento une os esposos a todos os níveis do seu ser: corações, mentes e corpos, em que homem e mulher configuram uma união de dois numa só carne. Que homens e mulheres são diferentes e complementares está assente na verdade antropológica; no facto biológico de que a reprodução exige um homem e uma mulher, e na realidade sociológica dos filhos beneficiarem ter um pai e uma mãe.

Longe de pretender articular-se como um pretexto para excluir os casais do mesmo sexo, a instituição matrimonial foi forjada em inúmeros sítios ao longo dos séculos, à margem e muito antes de terem surgido os debates sobre as relações entre pessoas do mesmo sexo. De facto, apareceu em culturas que não faziam ideia do que era orientação sexual, e nalgumas que aceitavam abertamente o homoerotismo, mas que garantiam a primazia do casamento.

### **Raça e casamento**

Muito diferente e tardia na história é, pelo contrário, a ideia de que duas pessoas de grupos raciais diferentes não se podem casar. E na sua origem está o preconceito, não a razão.

A união de homem e mulher estava no coração das reflexões de Platão e Aristóteles, de Santo Agostinho e São Tomás de Aquino, de Maimónides e Al-Farabi, de Lutero e Calvino, de Gandhi e Martin Luther King Jr. O que não aparece em nenhum sítio dos seus ideários é qualquer consideração sobre raça e casamento.

Só muito tarde na história humana aparecem comunidades políticas que proibem o casamento inter-racial, restrições que

nada têm a ver com a natureza do casamento, e sim muito com a negação da igualdade e da dignidade perante a lei.

Tais leis, praticamente exclusivas dos EUA, foram concebidas em consequência da ideia de que os escravos negros não eram cidadãos nem pessoas. Isto é algo que nada tem a ver com a natureza do casamento, e sim com disparates acerca da natureza humana e da dignidade das pessoas negras.

Assim, portanto, as leis que definem o casamento como a união entre um homem e uma mulher não são injustas. Para descobrir quando uma lei sobre a matéria é justa ou injusta, tem de se saber em que consiste o casamento, que deve ser “cego à cor”, mas não “cego ao género”. A melanina incluída na pele de duas pessoas, não tem nada a ver com a sua capacidade de se unirem numa ligação natural, ordenada para a procriação. Daí, a diferença sexual entre um homem e uma mulher ser central.

Ora, o facto de um fotógrafo se negar a fazer fotografias de um casamento entre esposos do mesmo sexo não será equivalente a recusar a presença de clientes negros num restaurante, nos anos 50? Não o é, adverte Anderson. Não, porque o racismo é irracional, é uma aberração histórica e geográfica, enquanto a crença de que o casamento é a união entre um homem e uma mulher é uma crença racional, baseada na história humana até ao ano 2000.

Pelo que, negar-se a prestar serviços a um casamento gay não é um ato discriminatório: trata-se de uma recusa a subscrever uma ação que é encarada como uma falsidade.

Lamentavelmente, num crescente número de casos, o governo violou a liberdade religiosa sobre o tema do casamento, e vários negócios familiares – de fotografia, de confeitaria, de venda de flores e outros envolvidos na área dos serviços matrimoniais – foram encerrados por se negarem a participar na celebração de uniões homossexuais.

Entende Anderson que já é tempo de travar esta tendência, e que os legisladores devem tomar medidas para proteger a liberdade dos que preferem manter-se à margem de casamentos gays. Ao fim e ao cabo, “proteger a liberdade religiosa e os direitos de consciência não restringe a liberdade de ninguém para começar a relação que desejar”, conclui.

(Fonte: Heritage Foundation, MercatorNet)